

Banco não leiloa os seus títulos

Arquivo — 28/04/88

A instituição líder do processo de conversão da dívida externa brasileira em investimento de risco, através dos leilões em Bolsa, o Citicorp Investment Bank, não está utilizando títulos próprios para viabilizar as operações de seus clientes, e não pretende lançar mão deles, preferindo comprá-los no mercado secundário internacional. A explicação é do diretor-superintendente do Citicorp Investment Bank, Antônio Boralli. Ele diz: "A instituição não acha conveniente o mecanismo do leilão para utilização de sua carteira própria, o que não quer dizer que não faremos em outros termos. Achamos, porém, que utilizar nossa própria carteira não convém por existir o deságio para um credor original."

Portanto, o Citi não participa com nenhum título do total de US\$ 385 milhões já abatidos da dívida brasileira, já vencida, e cujos títulos estão depositados no Banco Central. Boralli explica: "O Citi não participa com ativos próprios, mas apenas assessora os clientes que têm planos de investimento no país, e o estamos fazendo auxiliando-os sobre se adequar à legislação, como efetivar os projetos e como comprar no exterior os títulos necessários. O Citi oferece assessoria e consultoria em todo o processo executivo de uma operação de conversão."

O principal mérito do processo de conversão de títulos da dívida em investimento, na opinião de Boralli, é o fato de provocar o fim da inércia para a qual a economia brasileira estava se dirigindo. "Um dos grandes benefícios colaterais da conversão é a diminuição das indecisões, estimulando a ação em reação à inércia, que em economia é tão maléfica", diz. "O processo pode deflagrar a retomada dos investimentos, principalmente pelo clima criado no país", conclui.

O raciocínio de Boralli é simples. Na sua opinião, se uma empresa de determinado setor realiza um grande investimento pelo processo de conversão, o seu concorrente é obrigado a tomar a mesma iniciativa, caso contrário correrá o risco de

ter seu produto inviabilizado no mercado por perder competitividade. "E isso, evidentemente, é muito importante para o país", acrescenta.

Por estar há 73 anos no Brasil, o Citicorp quer participar de forma cada vez mais ativa nesse momento da vida econômica do país, diz Boralli. "Queremos ficar no país e por isso não desenvolvemos um trabalho oportunístico, mas com estratégia de longo prazo, principalmente em momentos como esse, que tem grande impacto para a economia brasileira, a longo prazo", afirma ele, explicando dessa forma a liderança assumida no *ranking* das instituições participantes dos dois primeiros leilões de dívida em investimento.

"O processo do leilão de conversão está muito bem sucedido, à medida que os investidores estão demonstrando muito interesse em usufruir de vantagens financeiras criadas pela relação entre a taxa de câmbio e o ágio que o investidor está disposto a pagar para entrar com capital. Mas não nos propomos apenas em atuar na conversão, que, para nós, é apenas mais um mecanismo alternativo para os nossos clientes alcançarem os seus objetivos, e nós somos o seu banco de soluções", lembra.

Por essa razão, antes que o cliente opte pela decisão de participar do leilão, o corpo de analis-



Boralli (E): conversa com Lore, do BC, no leilão

tas do Citi pensa cada detalhe da operação, averiguando tecnicamente as oportunidades que o cliente terá para realizar determinado investimento. "Não trabalhamos apenas em cima do leilão. A conversão é apenas mais uma alternativa para financiamento dos investimentos necessários", diz Boralli.

"Há muitas outras formas de financiamento, como a busca de recursos através do lançamento de ações", lembra. Com relação aos escassos recursos destinados aos fundos de conversão, que destinam recursos para as Bolsas de Valores diretamente, Boralli solicita um pouco de calma. "Não adianta querermos colocar os carros na frente dos bois. Existe um processo decisório natural, e o que eu sei é que o ingresso de recursos nas Bolsas é uma possibilidade real, mas virá a seu tempo".